



Centro Universitário de Brasília

Faculdade de Ciências e Saúde | FACES

Curso de Psicologia

Ênfase em Psicologia e Processos Organizacionais e Sociais

Paula Fortuna Loureiro

Percepção dos adolescentes do DF sobre a manutenção do seu comportamento violento

Brasília, 29 de Novembro de 2012



Centro Universitário de Brasília

Faculdade de Ciências e Saúde | FACES

Curso de Psicologia

Ênfase em Psicologia e Processos Organizacionais e Sociais

Paula Fortuna Loureiro

RA: 20821098

Percepção dos adolescentes do DF sobre a manutenção do seu comportamento violento

Orientadora: Amalia Raquel Pérez-Nebra

Brasília, 29 de Novembro de 2012

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo descrever a percepção que os adolescentes têm sobre a manutenção de seus comportamentos violentos. Para isso, o trabalho foi dividido em três estudos. O primeiro foi um estudo piloto com 4 jovens do sexo masculino que responderam a uma entrevista semiestruturada sobre violência. Como resultado observou-se a predominância da Teoria da Identidade Social nas falas. O Estudo 1 foi feito em uma escola pública de Ensino Médio no DF, com 171 adolescentes de ambos os sexos, com aplicação de um questionário de agressão. Como resultado percebeu-se que a pontuação do sexo feminino foi significativamente maior, que subsidiou o Estudo 3, realizado com as participantes que tiveram a maior pontuação no questionário. Foi realizada uma entrevista semiestruturada com 7 adolescentes do sexo feminino. Como resultado observou-se que as meninas se consideraram estressadas e não violentas. Sugere-se como pesquisa e intervenção a inclusão de estratégias de autocontrole e baixo estresse como formas de diminuir a agressão.

Palavras-chaves: violência, adolescentes, agressão

Sumário

Introdução.....	1
Violência	4
Estudo 1	11
Método.....	11
Participantes	11
Instrumentos	11
Procedimento.....	13
Análise dos Dados.....	13
Resultados e Discussão do Estudo Piloto.....	14
Estudo 2	17
Método.....	17
Participantes	17
Instrumentos	17
Procedimentos	18
Análise dos dados.....	18
Resultados do Estudo 2	19
Discussão do Estudo 2	20
Estudo 3	23
Método.....	23
Participantes	23
Instrumentos	23
Procedimentos	23
Análise dos dados.....	24
Resultados e Discussão do Estudo 3.....	25
Considerações Finais	33
Referências	35

Apêndice A.....	41
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	41
Apêndice B.....	42
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	42
Apêndice C.....	43
Transcrição das entrevistas do Estudo Piloto.....	43
Apêndice D.....	46
Questionário de Agressão.....	46

Introdução

O Brasil é um dos países onde a violência se apresenta de modo mais extremo e tem crescido nos últimos anos, causando forte impacto sobre a economia do país (Kahn, 1999). A violência sempre foi um assunto que repercutiu na sociedade e despertou interesse de pais, educadores e estudiosos. Pessoas querem entender porque os sujeitos são violentos, o que causa um comportamento violento, se a violência é inata ou aprendida, porque algumas pessoas nas mesmas situações optaram por um comportamento violento, se a agressão pode ser prevenida ou evitada (e.g. Araújo, 2007; Cardia, 1999; Filho, Araújo, Lima & Sousa, 2005; Gomide, 2000; Gomide & Sperancetta, 2002; Jozef, Silva, Leite & Ferreira, 2000; Neto, 2005; Silva, 2004; Ruótolo, 1998; Vilhena & Maia, 2002).

Uma equipe de pesquisadores dos institutos Vox Populi e Mori Brasil em trabalho exclusivo pra a Revista Época no ano de 2010, perguntou por todo o país, “o que você mais teme?”, e obtiveram como resposta que 68,0% dos brasileiros responderam “a violência”. De acordo com o IBGE 2004, o percentual de mortes violentas entre homens em 2003 no Brasil foi de 15,7%, sendo 24,5% no DF, 17,2% no RJ e 18,8% em SP. Segundo dados da Unesco (2005) jovens entre 18 e 24 anos são 53,0% do total de pessoas condenadas por crimes no RJ. Percebeu-se que apesar de os jovens entre 15 e 24 anos representarem 19,4% dos 38,7 milhões de moradores de São Paulo em 2003, eles tiveram relacionados a 41,0% dos casos de homicídios ocorridos no ano.

O estudo Balas Perdidas feito por ANDI, DCA-MJ e AMENCAR, com objetivo de descrever como a mídia escrita noticiava questões ligadas à violência com crianças e adolescentes, analisando reportagens publicadas em 46 jornais, de 24 estados do Brasil, no ano de 2001, afirma que o perfil do jovem agressor em crimes do Brasil é de 85,0% masculino. Desses agressores, 19,4% nas idades de 16 a 17 anos.

A partir do Mapeamento da Situação das Unidades de Execução de Medida Socioeducativa de Privação de Liberdade ao Adolescente em Conflito com a Lei, construído em 2002, pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), juntamente com o Departamento da Criança e do Adolescente (DCA), Secretaria dos Direitos Humanos e Ministério da Justiça, uma pesquisa feita em 190 instituições brasileiras, dos dez mil adolescentes internados nos centros de detenção pesquisados: 76,0% tinham entre 16 e 18 anos, 18,0% entre 12 e 15 anos e apenas 6,0% entre 19 e 20 anos. Entre eles, 89,6% não concluíram o ensino fundamental, 6,0% eram analfabetos, e 7,6% iniciaram o ensino médio.

Atualmente, no Brasil, a violência se faz presente no cotidiano das pessoas, e vem crescendo entre os adolescentes, tanto como agressores, quanto vítimas, ocorrendo a banalização da violência na sociedade. Nota-se uma disposição cultural em considerar atos agressivos e violentos como comuns, normais e frequentes (Guimarães & Campos, 2007).

Quando se procura na internet pesquisas com o tema da violência no Brasil, encontram-se 25.800 artigos em diversas áreas como Psicologia, Ciências Sociais, Psiquiatria, Serviço Social, Enfermagem, Medicina, Antropologia, Sociologia e Direito. A maioria dos temas relacionados à violência nesses artigos são estilos de violência, violência da escola, violência e cultura, violência e saúde, violência doméstica contra a mulher e contra crianças, violência sexual, álcool e violência, mídia e violência, justiça e violência, violência entre jovens, violência ao idoso. Em relação aos artigos na área de Psicologia sobre esse tema a maioria é sobre a violência doméstica e são pesquisas feitas com as vítimas, mas não com agressores.

A violência custa caro socialmente e individualmente, já que a segurança é desejada por todos e para tal, custa dinheiro se prevenir com cães de guarda, cercas elétricas, cadeados, grades e outros artefatos (Kahn, 1999). Além disso, algumas cidades perdem turismo por conta da fama de violência, como por exemplo, Rio de Janeiro e São Paulo, pois

as pessoas por mais que queiram conhecer e viajar para esses locais, não o fazem por medo de assaltos, balas perdidas, roubos. Os cidadãos gastam através de impostos que são utilizados no combate ao crime, ou diretamente através de compras preventivas ou para segurança. Também existem os gastos com o prejuízo da violência, como custo de vidas perdidas, tratamentos de saúde e perda de objetos (Cerqueira, Carvalho, Lobão, & Rodrigues, 2007; Kahn, 1999; Rondon & Andrade, 2003).

O mais importante é que pessoas sofrem com a violência e suas consequências. A maioria da sociedade está refém do medo de passear pelas ruas tranquilamente, pois sabe que a qualquer hora pode ser vítima de assalto, sequestro ou homicídio. Quem já passou por algum episódio de violência dificilmente esquece, abalando o psicológico, e quem nunca passou por essa experiência, teme que aconteça (Andrade, 2003).

O presente trabalho tem como objetivo descrever a percepção que os adolescentes têm sobre a manutenção de seus comportamentos violentos, mais especificamente, compreender porque são violentos, como eles percebem seus comportamentos agressivos, investigar suas avaliações sobre a manutenção dessa violência com o outro, o que eles consideram como violência e por fim, descrever o papel da situação para eliciar casos de violência, em outras palavras, o que da situação os levou a uma reação violenta. Acredita-se que o tema é relevante não só para a sociedade, mas também para pesquisadores, já que acrescenta informações, com outra ótica, ao fenômeno. Difere-se dos demais trabalhos sobre violência, pois o arranjo é multimetodológico. Para alcançar esse objetivo foram necessárias algumas entrevistas com adolescentes que se consideram violentos, e só assim foi possível fazer uma análise dos relatos obtidos a partir de teorias clássicas sobre agressão.

Violência

No geral as definições de violência podem ser resumidas a: ação ou efeito de violentar, de empregar força física contra alguém ou algo, ou intimidação moral contra alguém. Um ato violento, crueldade, força. Violência é o uso intencional da força física ou do poder, sendo ele real ou apenas em ameaças, contra si mesmo, contra os outros ou contra grupos, que tenha como resultado danos psicológicos, físicos, emocionais, morais, espirituais, deficiência de desenvolvimento, privação, caracterizada por maus-tratos, impedimento da liberdade ou imposição da força (Dicionário Houaiss, 2009; Eisenstein & Souza, 1993; Estman, 2002; Ministério da Saúde, 2005)

A agressão, por outro lado, de acordo com Kaplan e Sadock (1993), é definida como qualquer forma de conduta com o objetivo de prejudicar ou ferir outra pessoa. Para Dollard et al. (1939), agressão é uma resposta que tem por objetivo causar dano a alguém. Já para Buss (1961) citado em Rodrigues (1998) a agressão é qualquer resposta que gere estímulo nocivo a outro organismo e para um comportamento ser chamado de agressivo, é necessário que a pessoa tenha liberdade para agir e intenção de agredir o outro.

Para Anderson e Bushman (2002 citado por Filho et al. 2005), a agressão se difere um pouco da violência. Agressão é um comportamento direcionado a outro indivíduo com intenção de causar qualquer dano imediato, podendo ser físico ou não. Já a violência é uma agressão cuja meta consiste em um dano extremo, ou seja, toda violência é agressão, mas nem toda agressão é violência.

Os conceitos de violência e agressão se diferem de acordo com o enfoque referencial dado (e.g. Meneghel, Giugliani & Falceto, 1998), ou seja, existem autores que defendem os aspectos biológicos e comportamentalistas da agressão, portanto, a percebem como instintiva, da natureza humana, inata, essencial (e.g. Minayo, 1990); outros autores seguem a linha psicanalítica, e consideram a agressividade o resultado de uma carência

emocional da criança, ou a falta de limites, ou até mesmo abandono ou perda dos pais da criança (Vilhena, 2000); já outro grupo de pensadores acredita que a violência está ligada às estratégias de sobrevivência das classes populares da sociedade, portanto jovens violentos pertencem a cultura violenta, e suas condutas agressivas são suas defesas, formas de adaptação ao grupo e ascensão social (e.g. Meneghel, Giugliani, & Falceto, 1998); além de autores que reforçam fatores da personalidade na discussão sobre agressividade (e.g. Rodrigues, 1998).

O presente trabalho tem como foco o ponto de vista social da agressividade e da violência entre adolescente, considerando a violência como um fenômeno social e multifacetado, ou seja, depende do momento histórico e da cultura para ser definida. No Brasil, percebe-se um aumento da violência em suas múltiplas formas, principalmente entre adolescentes. Resoluções de conflitos e interesses de pessoas ou grupos são feitas de formas violentas, com uso ou não de agressão física. A mídia apresenta milhares de casos de assassinatos, roubos, sequestros e brigas por motivos banais, ou até mesmo fúteis. Além disso, agressões verbais, ou consideradas leves, não são caracterizadas violência. O que se observa é a banalização da violência, considerada por muitos, como normal. Ocorre muitas vezes entre os adolescentes, a representação da violência ao ato agressivo, ou seja, só é considerado violência quando acontece o extremo, a morte (Guimarães & Campos, 2007).

Estudos feitos em São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, apontam que a criminalidade tem aumentado entre os adolescentes, ao longo dos anos. Pode-se explicar esse fato pelo aumento de uso de armas, crescimento do crime organizado, influência de gangues, uso de drogas, falta de segurança nas cidades e abuso de poder e violência das polícias (Andrade, 2007; Guimarães & Campos, 2007; Santana, Santana & Lima, 2006).

Especificamente em Brasília, uma pesquisa feita por Andrade (2007) com adolescentes residentes de Ceilandia, Planaltina e Samambaia, chamadas pelo autor de cidade

satélites de Brasília, mostra que a violência pode ser usada pelos jovens para dar suporte às suas atividades criminais, assim como também, para mostrar poder e influência (atitude, respeito, consideração) nos territórios demarcados ou diante de outras gangues rivais. Para alguns entrevistados por Andrade (2007), a violência é uma coisa ruim que se faz para os outros. Para outros é necessária e até mesmo legal. Assim, valorização da força física constitui um meio perfeitamente legítimo do exercício do poder, ao mesmo tempo em que uma forma privilegiada de gerir e resolver seus conflitos. Os jovens acreditam que há sempre um motivo ou uma justificativa para que a pessoa exerça violência.

As escolas públicas de Brasília também possuem um alto grau de violência. Em tais estabelecimentos a presença da polícia e das revistas policiais são comuns. As violências podem ser gratuitas e tendem a surgir por motivos fúteis. As drogas e a bebida foram também apontadas, pelos alunos pesquisados por Santana, Santana e Lima (2006), como fatores de violência. A violência é vista como uma forma para conquistar a popularidade e status elevado no âmbito social da escola. Entretanto, alunos com condutas agressivas nas escolas, muitas vezes não estão em busca de status, mas se comportam de forma violenta por influências externas.

Para entender melhor sobre a agressão a partir de outros pontos de vista, diferente dos até então expostos, é necessária a descrição de algumas teorias clássicas de agressão pelo olhar da Cognição Social, e a descrição é apresentada no critério crescente de data.

A Teoria da Frustração-Agressão de Dollard e Miller (1939, em Aronson, Wilson & Akert, 2002), a agressão é uma reação à frustração, ou seja, seria provocada pela frustração. Quando o sujeito não consegue atingir os objetivos pretendidos, ele recorre à agressão. Frustração é definida como uma interferência na ocorrência de uma resposta orientada por um objetivo, e agressão é definida como uma resposta que tem por objetivo causar algum tipo de dano a um organismo vivo. Com o passar dos anos, a teoria foi

passando por modificações, e pode ser resumida como a frustração gerando uma resposta agressiva preferencialmente pelo alvo que gerou aquela frustração, se a agressão não puder ser efetivada na direção do alvo, ocorre um deslocamento para outra pessoa, que se torna indiretamente, alvo da agressão. Além disso, seria necessária a presença de certos mecanismos disparadores para que a agressão se manifeste, e que na ausência destes, outros padrões de comportamento podem surgir.

A Teoria da Transferência da Estimulação e da Excitação de Zillmann (1971) afirma que aumentada a excitação da pessoa, existe a probabilidade dela ser agressiva, ou seja, quando as pessoas estão em um alto nível de estimulação, provavelmente agirão impulsivamente, sem pensar, em consequência disso, serão mais agressivas (Gomide & Sperancetta, 2002).

Outra teoria importante para a explicação de comportamentos violentos entre adolescentes é a Teoria da Identidade Social. Esta compreende a percepção de pertença a um grupo e de não pertença a outro. Alguns indivíduos constituem um grupo, os demais, outro grupo, que por essa razão se distinguem e se contrapõem, e por consequência, conflitam, podendo discutir, brigar e até agir violentamente. Protegem a imagem do grupo e se esforçam por ele, ocorrendo uma impermeabilidade das fronteiras dos grupos. O importante é o sentimento de pertença a determinado grupo (Paiva, 2007).

Algumas vezes os adolescentes são violentos para serem reconhecidos em seu grupo, para ganharem uma boa imagem, e conseqüentemente, identidade naquele contexto. Existe uma necessidade de se sentir pertencente ao grupo, ocorrendo adequação à cultura do grupo (Pereira & Sudbrack, 2008). Em razão disso existe outra teoria que pode explicar a violência de alguns adolescentes. A Teoria da Autoprototipicalidade de Turner (1972, em Paiva, 2004; 2007) é quando o indivíduo passa a assumir a identidade do grupo, anulando sua

identidade pessoal, se tornando de fato, o grupo. A pessoa tende a despersonalizar-se em favor do grupo

Segundo a Teoria da Aprendizagem Social de Bandura (1979, em Aronson, Wilson & Akert, 2002), a agressão é um resultado da aprendizagem, ou seja, o comportamento agressivo seria aprendido por observação e imitação de modelos. Pode-se afirmar que é uma aprendizagem social, pois as pessoas estão diariamente sujeitas a estes modelos agressivos, seja na família, na cultura, nas amizades, etc. Bandura (1979, em Gomide & Sperancetta, 2002) acredita que crianças podem aprender comportamentos apenas observando um modelo. Portanto, a agressão seria um resultado da aprendizagem, bem como, o comportamento agressivo seria aprendido por observação e imitação do modelo. Ainda, afirma que o comportamento de agressividade aprendido por observação pode ser mantido, se for reforçado, ou seja, as consequências positivas da agressão podem fortalecer e reforçar esse comportamento, principalmente quando são recompensadas, imitadas e aceitas em seu meio ou grupo.

A Teoria Cognitiva Neo-Associativa de Berkowitz (1984) explica que comportamentos agressivos já aprendidos podem ser desencadeados, ou são condicionados a estímulos situacionais. O comportamento agressivo é uma resposta condicionada à situação (Gomide & Sperancetta, 2002).

Enquanto a Teoria da Aprendizagem Observacional Cognitiva de Huesmann (1986) afirma que as primeiras experiências da vida das crianças moldam a maior parte dos jovens agressivos, portanto a interação com o ambiente serve como aprendizagem de comportamentos agressivos. Além disso, crianças aprendem atitudes, crenças, valores, não apenas comportamento. Enfatiza também que as condições que melhor reforçam o aprendizado de comportamentos agressivos são observação exagerada de agressividade quando crianças, reforço ao se comportar agressivamente e ser objeto de agressão. Em

resumo, sua teoria revela que a agressão é controlada por mecanismos cognitivos que foram aprendidos durante o desenvolvimento e armazenados na memória da pessoa, podendo ser recuperados a qualquer instante (Gomide & Sperancetta, 2002).

Por fim, outro ponto importante para discussão de comportamento violento entre adolescente são as crenças dos indivíduos, que podem influenciar seus comportamentos. Portanto um sujeito que tenha a crença favorável à agressão provavelmente irá desenvolver comportamentos agressivos. A Teoria das Crenças Normativas de Huesmann e Guerra (1997, em Filho et al., 2005) afirma que as crenças são autorreguladoras de comportamentos socialmente adequados. As crenças normativas tem um caráter eminentemente social, pois são mantidas, modificadas ou construídas a partir das crenças normativas dos grupos pertencidos. Uma pessoa que, por exemplo, acredita que se comportar de maneira não agressiva seja pouco importante, o fará, pois é o esperado socialmente. O contexto situacional contribui para essa teoria, portanto, as pessoas se comportam na maioria das vezes para criar uma impressão favorável ao grupo, fazendo aquilo que é aceito e normativo.

O presente trabalho tem como objetivo descrever a percepção que os adolescentes têm sobre a manutenção de seus comportamentos violentos, mais especificamente, compreender porque eles são violentos, como eles percebem seus comportamentos agressivos e descrever o papel da situação para eliciar casos de violência. Para isso, é indispensável a apresentação das teorias clássicas sobre agressão, pois elas servem de subsidio na explicação de alguns elementos que podem estar atuando como orientadores e justificadores da violência entre adolescentes.

Por ausência de estudos com agressores nesta faixa etária foram realizados três estudos na perspectiva multimetodológica para auxiliar na descrição do fenômeno por este olhar. O Estudo 1 foi realizado com participantes do sexo masculino por serem os que mais aparecem nas estatísticas de agressão. O Estudo 2, com uso de escala de agressão, procurou

descrever o tipo de agressão mais utilizado, mas sem diferença de gênero. O Estudo 3 foi realizado apenas com participantes do sexo feminino, pelos resultados encontrados no Estudo 2.

Estudo 1

O presente trabalho envolve a pesquisa qualitativa descritiva com utilização de entrevista semiestruturada.

Método

Participantes

Participaram dessa pesquisa quatro jovens do sexo masculino, de 20 a 23 anos, que afirmaram ter comportamentos agressivos desde a adolescência até o presente momento, residentes em Brasília – DF, pertencentes a um nível socioeconômico de classe média baixa, com escolaridade de nível superior incompleto, com histórico escolar de reprovações. Os participantes foram escolhidos por uma amostragem conveniência e por juízo.

Instrumentos

Primeiramente apresentou-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A), que apresentava os objetivos do trabalho, esclarecendo todas as dúvidas dos participantes.

Foi utilizado como instrumento de pesquisa o roteiro de entrevista semiestruturada conforme Tabela 1.

Tabela 1
Roteiro de Entrevista Semiestruturada

Pergunta	Objetivo da pergunta
1- O que é violência pra você. Defina-me violência com suas palavras.	Saber o que era considerado violência para os participantes.
2- Como você acredita que a sociedade se comporta de maneira violenta?	Comparar o que é comportamento violento da sociedade, ou seja, dos outros, com o que é comportamento violento dos participantes.
3- Como você avalia a violência?	Saber se os participantes avaliam a violência positivamente ou negativamente.
4- Você acha que você tem comportamentos violentos?	Saber se os participantes se consideram violentos.
5- Por que você acredita ter esses comportamentos violentos?	Saber as explicações para seus atos violentos.
6- Alguma vez você já repetiu esses comportamentos violentos? Por quê?	Diferenciar participantes violentos constantemente de participantes que apenas tiveram um ato de violência.
7- O que da situação te fez ter uma reação violenta? Me dê um exemplo.	Analisar o contexto.
8- Esse comportamento violento é uma reprodução dos seus pais/responsáveis?	Investigar se o comportamento violento dos participantes é uma reprodução do que viram ou aprenderam em casa.

Procedimento

Entrou-se em contato com os participantes pelo telefone e se fez o convite para participar do trabalho, explicando os objetivos e como ocorreria o procedimento. Eles aceitaram o convite com a condição de se manter o anonimato, sem gravação da entrevista, sendo uma conversa informal em locais públicos. Com a aceitação do convite, se entregou um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A), que explicou o objetivo da pesquisa. A pesquisadora procurou seguir o roteiro. O conteúdo da entrevista foi anotado com papel e caneta conforme as respostas foram dadas (Apêndice C), por exigência dos participantes.

Análise dos Dados

As respostas dos sujeitos foram analisadas através da análise de conteúdo proposta por Bardin (1977) a partir das teorias de base sobre a agressão.

Resultados e Discussão do Estudo Piloto

As respostas dos participantes foram analisadas a partir das teorias clássicas de agressão, portanto surgiram hipóteses explicativas do conteúdo trazido a partir de algumas teorias.

As teorias predominantes foram a Teoria da Identidade Social de Tajfel e a Teoria da Autoprototipicidade de Turner. A Teoria da Identidade Social compreende a percepção de pertença a um grupo e de não pertença a outro. Em relação às entrevistas, essa teoria aparece nas respostas dos participantes: “É uma guerra, eu protegendo a mim mesmo e meus amigos”, “não vou deixar minha galera apanhar, vou entrar sempre que precisar”, “os cara são da galera rival, nós da outra, se tromba e já era, o pau come”, “mexer comigo ou com alguém próximo a mim”. Percebe-se pela fala dos participantes que o fato de ser de grupos diferentes já é o suficiente para ocorrer uma briga.

A Teoria da Autoprototipicidade é quando o indivíduo se anula e passa a assumir a identidade do grupo, ele se torna o grupo. Em relação às entrevistas, essa teoria pode explicar as respostas dos participantes: “acontece de brigar, agora os moleque são ruim mesmo, batem sem motivo quando estão juntos, gostam de ver o mal”, “eu nem gosto muito de briga, gosto de estar na galera, de ficar enturmado” Percebe-se nos trechos das entrevistas, bem como na observação da relação intergrupala dos participantes que o sentimento de pertença a aquele grupo é o que prevalece naquele momento, não importando a identidade individual naquele instante, eles se tornam um só.

Outra teoria observada na análise das entrevistas foi a Teoria da Frustração-Agressão de Dollard e Miller (1939, em Aronson, Wilson & Akert, 2002) que afirma que a agressão é uma reação à frustração, ou seja, seria provocada pela frustração. Vários trechos das entrevistas suportam esta teoria, como por exemplo, o seguinte: “violência é uma consequência”. O mesmo caso se aplica nos trechos: “se não me agradam eu enfio a porrada

mesmo”, “se eu apanhar só piora a situação, viro o Satanás”, “se o cara é folgado já é uma indignação, se colocar o dedo na minha cara então...”. São exemplos que ilustram os mecanismos disparadores de comportamento violento para esse sujeito, como alvos, objetos e situações. A mesma teoria se aplica nos trechos: “brigar por motivos que atingem a sua pessoa”, “se desacreditam de mim e do meu potencial, daí sou violento”. Justifica sua violência (agressão) por um objetivo sem sucesso (frustração). Ainda pode ser observado nos trechos seguintes: “excesso de raiva me faz ser violento”, “mexer comigo é motivo de porrada”. É uma cadeia sequencial, ou seja, comportamentos violentos ocorrem em virtude de frustrações anteriores.

Outra teoria observada na análise das entrevistas foi a Teoria da Aprendizagem Social, a qual a agressão é um resultado da aprendizagem. O comportamento agressivo seria aprendido por observação e imitação de modelos (Bandura, 1979, em Aronson, Wilson & Akert, 2002).

Em relação a essa teoria, observam-se trechos que a exemplificam nas falas os participantes: “aprendi a ser assim na rua”, “os cara que são assim as mina paga pau”, “na rua que aprendi”, “me batiam na escola pública, depois comecei a bater também”, “violência por parte do meu pai, mas só verbalmente, a parte física aprendi na rua, com amigos”. Os relatos expressam o processo de aprendizagem da violência com colegas nas ruas.

Por fim, a Teoria das Crenças Normativas também foi observada na análise das entrevistas. Esta teoria afirma que um sujeito que tenha a crença favorável à agressão provavelmente irá desenvolver comportamentos agressivos. O contexto situacional contribui para essa teoria, ou seja, as pessoas se comportam, na maioria das vezes, para criar uma impressão favorável ao grupo, fazendo aquilo que é socialmente aceito e normativo (Filho et al., 2005).

Trechos da entrevista suportam essa teoria: “acho bonito a violência porque a mina paga pau”, “não tem nada de errado na violência”, “sou violento pra aparecer”. Observa-se que a crença de alguns participantes é de que não há nada de errado na violência, logo não veem problema nos seus comportamentos agressivos. Ainda percebe-se que alguns participantes afirmam que são violentos para aparecer e porque os outros vão gostar, deixando claro a influência de reforçamento positivo e da impressão favorável para o comportamento agressivo, ou seja, ser violento, para eles, é socialmente aceito e normativo.

Percebe-se que não apareceram a Teoria da Estimulação e da Excitação de Zillmann (1971), a Teoria da Aprendizagem Observacional Cognitiva de Huesmann (1986) e a Teoria Cognitiva Neo-Associativa de Berkowitz (1984), no Estudo 1, como forma de análise das falas dos participantes.

Com Estudo 1 foi possível identificar quais teorias clássicas da agressão foram utilizadas na análise das falas dos participantes, bem como identificar a percepção que esse grupo tem de seu comportamento violento. Como os participantes não se encaixam na categoria adolescentes, as entrevistas feitas não foram gravadas, dificultando uma boa análise de conteúdo, e também o baixo número de participantes, limitando conteúdos para serem analisados, foi necessária a realização do Estudo 2, com o público alvo, sem distinção de sexo e com o propósito de ampliar os conteúdos para análise.

Estudo 2

O presente trabalho envolve a pesquisa quantitativa com utilização de questionário sobre agressão, com objetivo de analisar os tipos de agressão, comparar respostas entre homens e mulheres, bem como selecionar os participantes com maior índice de agressão, que participarão do Estudo 3.

Método

Participantes

Participaram da pesquisa 171 jovens entre 14 a 20 anos, estudantes do Ensino Médio de uma escola pública de Brasília – DF, sendo 99 (57,9%) do sexo feminino e 71(42,1%) do sexo masculino; 114 (66,7%) do 1º ano, 44(25,7%) do 2º ano e 13(7,6%) do 3º ano, a média das idades de 16 anos (DP = 1,71).

Instrumentos

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A), que indicava os objetivos do trabalho, esclarecendo todas as dúvidas dos participantes; o TCLE também foi entregue para os adolescentes menores de idade solicitarem autorização aos seus pais ou responsáveis (Apêndice B).

Foi utilizado como instrumento de pesquisa o questionário “AQ” de Buss & Perry (1992), traduzido e adaptado para o Português brasileiro, para essa pesquisa. O questionário original é composto de 29 itens para assinalar uma escala de 1 a 5, sendo o número 1 “Não se parece comigo”, e o número 5 “Se parece muito comigo”. Tem como objetivo medir os 4 fatores da agressão: Agressão Física (alfa= 0,81; Número de itens= 9), Agressão Verbal (alfa= 0,80; 5), Raiva (alfa= 0,57; 7) e Hostilidade (alfa= 0,86; 8). Para essa pesquisa, foram acrescentados 6 itens abordando temas relevantes observados no Estudo Piloto, além disso, perguntas de identificação do participante, como data de nascimento, série/turma e com

quem mora (Apêndice D), portanto o questionário não foi anônimo. Para esclarecer a total compressão dos itens traduzidos e adaptados, 4 juízes fizeram validação semântica.

Procedimentos

Primeiramente a pesquisadora conseguiu autorização da Regional de Ensino do Plano Piloto e Cruzeiro para fazer a pesquisa dentro de uma escola pública desta área de Brasília – DF; apresentou o projeto da pesquisa para a diretora e coordenadores conseguindo autorização dos responsáveis da escola. Pela dinâmica da escola só foi possível entrar em salas de professores ausentes, o que dificultou maior adesão à pesquisa. Nas turmas indicadas pela coordenadora foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice B) para os adolescentes menores de idade pedirem autorização aos pais para participar da pesquisa. No dia seguinte, foi entregue o questionário de agressão com as devidas explicações de como assinalá-lo (Apêndice D), bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que apresentava os objetivos do trabalho, esclarecendo todas as dúvidas dos participantes (Apêndice A). Os participantes levaram em torno de 15 minutos para responder o questionário completo.

Análise dos dados

As respostas dos participantes foram analisadas através da análise descritiva e o décimo decil. A análise descritiva aponta o tipo de agressão utilizada e qual a frequência de cada uma delas. Também foi feita a análise de variância para comparação dos grupos. O decil foi utilizado para o Estudo 3 desta pesquisa.

Resultados do Estudo 2

A partir da análise dos questionários, algumas observações foram feitas, como diferenças das respostas entre homens e mulheres, quais fatores tiveram maior pontuação, se morar com os pais ou outros interfere nas respostas.

Tabela 2
Média e Desvio Padrão dos Fatores da Escola da Agressão

	Agressão Física	Agressão Verbal	Raiva	Hostilidade
Média	2,36	2,87	2,58	2,61
Desvio Padrão	0,76	0,88	0,78	0,81

A partir da Tabela 2 observa-se que todos os 4 fatores estão abaixo do ponto médio da escala, o que significa que a média do índice de agressão dos participantes foi baixo, sendo o fator Agressão Verbal com o maior índice (2,87), e o fator Agressão Física com o menor (2,36). Além disso, observa-se que o desvio padrão foi mediano nos quatro fatores.

Percebe-se que os fatores Raiva e Hostilidade obtiveram diferença significativa entre homens e mulheres, sendo maior nas mulheres. A média do fator Raiva nos homens foi de 2,32 enquanto nas mulheres foi de 2,75 $F(1,171=13,82; p<0,01)$. A média do fator Hostilidade nos homens foi de 2,46 enquanto nas mulheres foi de 2,73 ($F=1,171=4,541; p=0,04$). Em ambos os fatores Agressão Verbal e Agressão Física não apresentaram diferença significativa.

Em relação ao ano do Ensino Médio dos participantes, não houve diferença significativa entre os fatores. Já em relação a com quem os participantes moram, dividiu-se entre pais, apenas um dos pais e quem mora com outros significativos, a partir do que foi respondido nos questionários. Percebe-se uma diferença significativa no fator Raiva entre quem mora com os pais ($M=2,45$) e quem mora com outros ($M=3,06$) ($F=1,171=3,601; MSE=2,092; p=0,029$). Não houve diferença significativa entre quem mora com os pais e quem mora com apenas um dos pais, ou com quem mora com apenas um dos pais e outros.

Discussão do Estudo 2

Os quatro fatores estão abaixo do ponto médio da escala. Existem algumas hipóteses para esse motivo, como por exemplo, por estarem dentro do contexto escolar, os alunos não se sentiram a vontade para responder com sinceridade ao questionário, com medo dos resultados afetarem suas situações acadêmicas. Outra hipótese é que os alunos “levaram na brincadeira” a aplicação do questionário, já que não tinha a presença de um professor da Escola junto à pesquisadora, portanto eles juntaram as carteiras e alguns fizeram em grupo, outros perguntaram opiniões dos amigos, e outros fizeram muito rápido para poderem ser liberados, ou simplesmente a agressão não ser alta.

Pode-se observar também que a média da agressão verbal foi a maior e a média da agressão física foi a menor. Esse fato pode ser explicado a partir do que o sujeito tem como representação de cada um dos termos. Segundo Ristum e Bastos (2004), a agressão física, na maioria das vezes, se assemelha a violência, ou seja, um ato violento, crueldade, força. O termo “violência” tem um caráter fortemente pejorativo, muitas vezes ligado à morte, espancamento e briga, por outro lado, o termo agressão verbal não tem esta conotação, por isso apareceu mais alto.

Outra hipótese para explicar o fato de agressão verbal ter tido maior pontuação pode ser a dissonância cognitiva dos participantes, ou seja, acreditam que o termo violência é ligado ao físico, como não se consideram violentos, logo não fazem uso da agressão física. Já a agressão verbal como não é considerada violência, não há problema em seu uso.

Ainda, pode-se explicar esse fato, por justamente os alunos se encontrarem no contexto escolar na hora de responder o questionário. Segundo Ristum e Bastos (2004), a agressão verbal costuma ocorrer com muito mais frequência dentro das escolas, do que a agressão física, por causa da consequência de cada uma das duas. Agressão física quando ocorre dentro da escola, o aluno sabe que a consequência será grave, já a agressão verbal a

consequência tende a ser mais leve, ou em muitos casos, sem consequência, pois os coordenadores e diretores desconheceram o ocorrido.

A respeito das séries, não houve diferença significativa entre elas. Esse fato por ser explicado, pois no 1º ano, 2º ano e 3º ano as idades são misturadas. Há alunos atrasados, adiantados, repetentes, portanto não seria esperada diferença significativa.

Outro dado observado na pesquisa foi de que os adolescentes que responderam morar com “outros” tiveram o fator Raiva com uma diferença significativa em relação aos adolescentes que responderam morar com “os pais”. Em relação ao tema agressividade, não se encontrou na literatura, algum trabalho que esboce essa afirmativa. Porém em relação ao alcoolismo entre os adolescentes, apareceu um dado similar, ou seja, há prevalência do uso de álcool naqueles adolescentes que não moram com os pais (e.g. Souza, Areco, & Filho, 2005).

Em relação ao fato de que os fatores Raiva e Hostilidade deram significativamente maior nas mulheres do que nos homens, sugere-se que esses fatores são ligados a estresse, apesar de não ter sido encontrado na literatura esse argumento. Culturalmente, as mulheres são consideradas mais estressadas que os homens. Segundo a pesquisa de Malagris e Fiorito (2006), 83% das mulheres são estressadas e 66,6% dos homens são estressados.

A mídia e senso comum afirmam que os homens são mais agressivos e violentos do que as mulheres, porém o que se observou no estudo foi justamente o contrário. O fator Agressão Física não teve diferença significativa entre homens e mulheres, e, além disso, os 10 participantes selecionados para o Estudo 3 foram mulheres, pois seus escores foram os mais altos, enquanto esperava-se que seria maior nos homens. É importante deixar claro que os escores foram mais altos no sexo feminino, o que não significa que foi baixo no sexo masculino. Segundo Alvim e Souza (2005), as mulheres são mais amistosas e protetoras, o que não quer dizer que não podem se envolver em ações criminosas e violentas, porém são absolvidas em maior número devido aos papéis sexuais marcados pela sociedade. Além disso,

socialmente, os homens são considerados mais agressivos e fortes, portanto, quando a mulher tem essas características são mais amparadas e menos julgadas. De acordo com Tavares (2011) as mulheres estão cada vez mais buscando estratégias que diminuam as diferenças de gênero, e as sociedades contemporâneas passam por rápidas mudanças que influenciam no comportamento humano. Segundo o estudo de Sisto, Bartholomeu, Santos, Rueda e Suehiro (2008) a agressão física é manifestada em maior parte pelo sexo masculino, e a agressão verbal pelo sexo feminino, e em seu estudo sobre agressividade encontrou que os homens tendem a enganar, violar, destruir coisas, desrespeitar e importunar os outros, enquanto as mulheres tendem a ser mais irritadas, manipuladoras, birrentas, brigonas, e tem baixa tolerância à frustração, portanto, afirmaram que algumas condutas agressivas são mais peculiares em homens e outras em mulheres. Pode-se ainda, fazer a hipótese alternativa de que os meninos responderam ao questionário com diferente grau de honestidade.

Estudo 3

O presente trabalho envolve a pesquisa qualitativa descritiva com utilização de entrevista semiestruturada

Método

Participantes

Participaram dessa etapa da pesquisa 7 participantes escolhidos a critérios da pesquisa anterior, portanto, todos aqueles que tiveram pelo menos 2 dos 4 fatores com a média das respostas acima de 4, foram selecionado para o estudo. Foram selecionadas 10 participantes do sexo feminino, de 15 a 18 anos, estudantes do Ensino Médio de uma escola pública de Brasília – DF, que tiveram essas condições, ou seja, tiveram alto escore de agressividade, mas apenas 7 puderam participar do estudo.

Instrumentos

Foi utilizado como instrumento de pesquisa o roteiro de entrevista semiestruturada utilizado no Estudo 1, acrescentada uma pergunta se existe diferença na violência entre o sexo feminino e o sexo masculino.

Procedimentos

A pesquisadora combinou com a coordenadora pedagógica da Escola, horários e locais para entrevistar as adolescentes. Explicou-se para as participantes essa etapa do trabalho e todas concordaram em participar; a entrevista foi feita individualmente, nos turnos matutino e vespertino. A pesquisadora procurou seguir o roteiro; o conteúdo da entrevista foi gravado e transcrito.

Análise dos dados

As respostas das participantes foram analisadas através da análise de conteúdo proposta por Bardin (1977), de forma similar ao Estudo 1.

Resultados e Discussão do Estudo 3

A partir das análises das entrevistas das participantes, foi possível dividir suas falas em 7 categorias: O que é violência, como a sociedade se comporta de maneira violenta, avaliação da violência, por que sou violenta, justificção de não ser violenta, diferença entre homens e mulheres na violência e reprodução dos pais/responsáveis. Cada categoria foi configuradas em forma de tabela, com a frequência e exemplos de falas para cada tema de cada categoria.

Tabela 3
Categoria “O que é violência”, Com os Temas e Verbalizações das Participantes.

Temas	Verbalizações	Frequência
Bater nos outros	Quando uma pessoa bate na outra	6
Verbal	Humilhar, humilhar verbalmente	4

Na Tabela 3, observa-se que “bater nos outros” é considerada a melhor definição de violência, ou seja, reforça a ideia de Ristum e Bastos (2004) ao afirmar que violência é diretamente ligada a agressão física na crença da maioria da sociedade. Porém também é possível perceber na Tabela 3 que apareceu a agressão verbal, em menor escala, como sendo considerada violência. Uma hipótese explicativa para esse fato é que a entrevista foi feita apenas com meninas, e segundo Sisto, Bartholomeu, Santos, Rueda e Suehiro (2008), as mulheres praticam a violência mais intensamente na forma verbal, como xingamentos ou com o *bullying*, e por isso, apareceu na fala das participantes.

Tabela 4
Categoria “Como a Sociedade Se Comporta de Maneira Violenta”, Com os Temas e Verbalizações das Participantes.

Temas	Verbalizações	Frequência
Todo mundo é estressado com tudo	Acho que tá todo mundo ficando cada vez mais	9

	estressado em tudo	
Adolescente é muito estressado	Qualquer coisinha adolescente já tão levando na porrada	6
Pela mídia	Mostra isso o tempo todo, em filme	4

Observa-se na Tabela 4 que as participantes afirmaram que toda a sociedade se encontra estressada por qualquer motivo, principalmente os adolescentes. E que esse fato é comprovado todos os dias com as notícias dos jornais, de mortes, brigas, assassinatos por motivos banais. Além disso, afirmaram que a mídia, não só com notícias de fatos reais, filmes e novelas estão cada vez mais violentos, e isso tem um forte impacto nos comportamentos dos adolescentes. Pode ser comprovado com as seguintes falas: “Na sociedade todo mundo é estressado com tudo, mostra isso o tempo todo, em filme, no dia-dia” e “Influencia principalmente os adolescentes. Adolescente ta na época que tudo pega fácil. Os estimulam. Como tem coisa que estimula coisa boa, eles estimulam coisa ruim”. Pode-se explicar a influência da sociedade no comportamento dos adolescentes a partir da Teoria da Aprendizagem Social, onde o comportamento agressivo seria aprendido por observação e imitação de modelos.

Tabela 5
Categoria “Avaliação da Violência”, Com os Temas e Verbalizações das Participantes.

Temas	Verbalizações	Frequência
Depende	Depende né? Tem vezes que tem que ser. Que não tem jeito	5
Errado	Eu acho que é errado. Em qualquer caso	4

Entende-se, pela Tabela 5, que algumas participantes acreditam que em alguns casos, a violência é necessária. Afirmaram que existem situações em que a pessoa deve ser violenta, como por exemplo, “Eu detesto fazer trabalho em grupo porque meu temperamento é muito forte. Eu sou muito estressada. Então se a pessoa vier bater boca comigo, eu vou bater boca com ela”, “Depende. Quando você é provocado por outro ou legítima defesa pode-se usar a violência”. Esse fato pode ser explicado a partir da Teoria das Crenças Sociais, que afirma que um sujeito que tenha a crença favorável à agressão provavelmente irá desenvolver comportamentos agressivos (Filho et al, 2005). Portanto a crença regula o comportamento, e se as participantes têm a crença favorável à agressão em determinada situação, vão se comportar como tal. Por outro lado, houve as participantes que responderam que consideram a violência como errada, mas mesmo assim se comportam dessa forma, como por exemplo, “Eu acho que é errado. Em qualquer caso. Mas mesmo assim eu estou lá, né? Hahahaha. A gente não pensa na hora”. Esse fato pode ser explicado pela Teoria da Transferência da Estimulação e da Excitação de Zillmann (1971), que quando as pessoas estão em um alto nível de estimulação, provavelmente serão mais agressivas (Gomide & Sperancetta, 2002).

Tabela 6
Categoria “Por que Sou Violenta”, Com os Temas e Verbalizações das Participantes.

Temas	Verbalizações	Frequência
Ser estressada	Eu sou muito estressada	19
Por causa de brincadeiras/piadas	Cara, quando alguém faz brincadeira comigo. Mesmo que seja brincadeira. Fico com muita raiva	12
Quando batem boca com alguém	Aí ela começou a falar um monte de coisa, ela alterou a voz e eu também	11
Quando sabe que está certa	Quando eu to errada eu peço desculpa, mas quando to certa não peço	8

Tudo lhe irrita	Tudo me irrita	8
Sua personalidade	Acho que é meu gênio. Minha personalidade	8
Falta de autocontrole	Porque o estresse vem de dentro, não da pra controlar. Não tenho autocontrole	8
Com tudo que é diferente	Gente lenta, gente burra. Na verdade, tudo que é diferente do eu sou ou do que eu penso me irrita	7
Quando não consegue o que quer	Uma das vezes que fico com raiva é quando eu não consigo o que eu quero. Eu acho que meus pais me mimaram muito	7
É uma barreira de defesa	Uma barreira como defesa. A pessoa boazinha que trata todo mundo bem acaba sendo magoada	6
Ser nervosa	Porque eu sou nervosa	2

Na Tabela 6, pode-se perceber que as justificativas de por que são violentas se diferem. Aparecem explicações biológicas, inatas, como por exemplo, “eu sou estressada, sou assim”, “eu nasci assim, é minha personalidade”, “sou muito irritada, sempre fui”, “é meu temperamento, sou assim”. Autores reforçam fatores da personalidade na discussão sobre agressividade (Rodrigues, 1998), enquanto outros defendem os aspectos biológicos e comportamentalistas da agressão, portanto, a percebem como instintiva, da natureza humana, inata, essencial (Minayo, 1990). Já a Teoria da Aprendizagem Observacional Cognitiva de Huesmann (1986) afirma que as primeiras experiências da vida das crianças moldam a maior parte dos jovens agressivos, portanto a interação com o ambiente serve como aprendizagem de comportamentos agressivos. Não só comportamentos agressivos, mas também crenças,

valores e atitudes. Essas teorias poderiam explicar as falas das participantes que se consideram agressivas por natureza.

Observa-se também na Tabela 6, que as participantes se justificaram serem violentas por causa de brincadeiras, piadas e por alguém querer bater boca com elas, como por exemplo, “Ah... quando me irritam eu sou meio estressada mesmo. Perco a paciência rápido demais, daí respondo, não escuto calada, bato boca, se for preciso até caio na briga de verdade”, “Cara, quando alguém faz brincadeira comigo. Mesmo que seja brincadeira. Fico com muita raiva. Tenho que descontar na pessoa. Tenho que humilhar”. Pode-se explicar esse fato a partir da Teoria da Transferência da Estimulação e da Excitação de Zillmann (1971) que afirma que quando as pessoas estão em um alto nível de estimulação, provavelmente agirão impulsivamente, sem pensar, em consequência disso, serão mais agressivas (Gomide & Sperancetta, 2002). Portanto, brincadeiras, bate bocas e piada aumentam o nível de estimulação e excitação e por consequência agem por impulso agressivamente.

Outros motivos, como não conseguirem lidar com nada que é diferente ou não conseguirem o que querem, também foram citados nas entrevistas, nas falas: “Gente lenta, gente burra. Na verdade, tudo que é diferente do eu sou ou do que eu penso me irrita”, “Uma das vezes que fico com raiva é quando eu não consigo o que eu quero. Eu acho que meus pais me mimaram muito. Eu sempre tive o que queria. Aí quando eu não consigo o que quero fico com raiva”. Esses fatos podem ser explicados a partir da Teoria da Frustração-Agressão de Dollard e Miller que afirma que a agressão é uma reação à frustração, ou seja, seria provocada pela frustração. Quando o sujeito não consegue atingir os objetivos pretendidos, ele recorre à agressão (Aronson, Wilson, & Akert, 2002). Portanto tudo que é diferente e que incomoda ou objetivos não alcançados seriam a frustração, consequentemente se comportam de forma agressiva.

Percebe-se também, que na maioria das falas das participantes aparece a falta de autocontrole, podendo ser outra hipótese explicativa, além das teorias expostas.

Tabela 7

Categoria “Justificação de Não ser Violenta”, Com os Temas e Verbalizações das Participantes.

Temas	Verbalizações	Frequência
Ser estressada, não violenta	Sou estressada, violenta não	6
Já bateu em alguém, mas foi uma vez ou outra	Já rolou, mas só uma vez nada vida	5
Não é um monstro	Eu não sou esse monstro que alguns pensam	5
Não parte para agressão física	Eu brigo muito, me estresso muito, mas não vou partir pra agressão física	3

Apesar de todas as participantes se considerarem agressivas e com comportamentos violentos, na entrevista elas buscaram uma justificativa pra não se considerarem violentas, como mostra a Tabela 7. Como nos exemplos: “Eu sou muito fácil de se adaptar. Eu não sou um monstro que não pode chegar perto”, “Eu sou meio estressada, mas violenta não”. Segundo Ristum e Bastos (2004), o termo “violência” tem um caráter fortemente pejorativo. Por esse fato as participantes buscaram explicações para não serem julgadas como violentas. Elas afirmaram serem agressivas, estressadas, irritadas, nervosas, sem autocontrole, mas violentas não.

Tabela 8

Categoria “Diferença Entre Homens e Mulheres na Violência”, Com os Temas e Verbalizações das Participantes.

Temas	Verbalizações	Frequência
Não tem diferença	Eu não vejo diferença não	8
Homem é mais agressivo culturalmente	Na mídia e na cultura homem mostra ser mais agressivo	5

Mulher é mais agressiva verbalmente	Mulher faz mais fofuquinha, fala mal, xinga	3
-------------------------------------	---	---

A partir da Tabela 8 observou-se que as participantes não consideram homens e mulheres diferentes a respeito da violência, como por exemplo: “Não é porque é homem que diferencia ah homem é mais isso, mulher é mais isso”, “Eu não vejo diferença não. A diferença é que mostram na mídia só os homens, mas por trás tem muita mulher”. Uma das hipóteses explicativas é que socialmente, os homens são considerados mais agressivos, porém, de acordo com Tavares (2011), as mulheres estão cada vez mais buscando estratégias que diminuam as diferenças de gênero, e as sociedades contemporâneas passam por rápidas mudanças que influenciam no comportamento humano. Durante muitos anos a mulher foi vista como frágil e delicada, porém cada vez mais, as mulheres se assemelham aos homens em diversos setores. Além disso, a violência é um símbolo de poder, e talvez por esse motivo o sexo feminino tenha percebido que é uma forma de impor respeito e conferir poder.

Tabela 9
Categoria “Reprodução dos Pais/Responsáveis”, Com os Temas e Verbalizações das Participantes.

Temas	Verbalizações	Frequência
Aprendeu a ser assim com eles	Eu aprendi a ser assim com minha mãe	5
Seguiu o que lhe mostraram de exemplo	Eu apenas segui aquilo que me mostraram de exemplo na vida	3

A partir da Tabela 9, observa-se que as participantes acreditam que foram influenciadas a serem violentas com seus pais ou responsáveis. Afirmaram que em casa todo mundo é estressado e se tratam de forma ríspida, como nos exemplos: “É porque você acaba pegando de cada pessoa. Você convive com aquilo e você aprende aquilo. Independente de ser uma coisa boa ou ruim. Você acaba seguindo o que te mostram de exemplo. Minha mãe é

muito estressada”, “Eu acho que eu aprendi com minhas tias. São muito nervosas”, “Ninguém da minha família é muito calmo. Talvez eu seja assim porque aprendi a ser assim”, “Minha mãe sempre foi assim. Ela tem pavio curto. Qualquer coisa ela grita. Aprendi com ela”. Esse fato pode ser explicado pela Teoria da Aprendizagem Social de Bandura, que afirma que o comportamento agressivo seria aprendido por observação e imitação de modelos (Aronson, Wilson & Akert, 2002).

Percebe-se que as teorias clássicas de agressão se relacionam, e podem ser analisadas a partir da fala das participantes, cada categoria e cada tema tem uma hipótese explicativa diferente a partir de teorias diferentes, sendo muito difícil selecionar apenas uma teoria como sendo aquela que mais se destacou, como aconteceu no Estudo 1.

Considerações Finais

O presente trabalho teve como objetivo descrever a percepção que os adolescentes do Distrito Federal têm sobre a manutenção de seus comportamentos violentos, compreender porque eles são violentos, como eles percebem seus comportamentos agressivos, investigar suas avaliações sobre a manutenção dessa violência, o que eles consideram como violência e por fim, descrever o papel da situação para eliciar casos de violência.

Acredita-se que o objetivo foi atingido, já que o trabalho abordou vários aspectos não só da violência, como também da agressividade. Também é importante ressaltar que o resultado obtido não foi esperado previamente, e por esse motivo, acredita-se no sucesso da pesquisa, pois abordou temas de pouca divulgação na literatura brasileira. O objetivo foi alcançado, já que a proposta era descrever a percepção dos adolescentes frente ao seu comportamento violento, sendo indispensável a escuta e compreensão da fala.

Por ser uma pesquisa, a qual o tema não é divulgado na literatura brasileira, e de difícil acesso por falta de trabalhos nesse âmbito, acredita-se nas contribuições deste trabalho, promovendo uma nova visão da violência entre adolescentes, visando as mudanças na atualidade nas questões de gênero. As literaturas pesquisadas para a execução deste trabalho apontam outro resultado, o qual a violência é maior no sexo masculino, porém observou-se um novo resultado a partir dessa pesquisa, sendo maior a violência no sexo feminino, bem como, a igualdade na violência entre os gêneros é percebida pelas participantes do estudo, afirmando não existir diferença entre homens e mulheres no que refere a violência e agressividade.

Pode-se dizer que algumas limitações foram encontradas durante a execução do trabalho. Uma das dificuldades foi a falta de acesso diretamente com os adolescentes da pesquisa, precisando de autorização de diversos setores, como Regional de Ensino, Escola onde foi aplicada a pesquisa e pais dos adolescentes menores de idade. Esse processo foi

demorado e demandou muito tempo. Outra dificuldade foi a quantidade de participantes para a pesquisa. Como os alunos estavam em sala de aula, só foi possível aplicar o questionário naqueles que estavam na escola com professores ausentes no horário. Outra dificuldade foi encontrar os participantes para a entrevista, sendo, às vezes, impossível identificar quem era o dono de cada questionário.

Por esses motivos, sugere-se para pesquisas futuras sobre esse tema uma maior adesão a participação do trabalho. Talvez com mais participantes se consigam mais dados para analisar. Também se sugere um estudo que tenha como objetivo mostrar a diferença da violência entre pessoas do sexo masculino e do sexo feminino, e a percepção que cada um dos gêneros tem do outro.

A questão do estresse e baixo autocontrole evidenciou-se nas entrevistas, o que não tinham sido relatados nos estudos clássicos de agressividade. Sugere-se como pesquisa e intervenção a inclusão de estratégias de autocontrole e baixo estresse como formas de diminuir a agressão.

Referências

Alvim, S. F. & Souza, L. (2005). Violência conjugal em uma perspectiva relacional: homens e mulheres agredidos/agressores. *Psicologia Teórico Prática*, 7(2), 1-11.

ANDI, DCA-MJ & AMENCAR. (2001). Balas Perdidas. Retirado no dia 02 de Junho de 2012, no site: <http://www.andi.org.br/sites/default/files/BalasPerdidas.pdf>.

Andrade, C. C. (2007). *Entre Gangues e Galeras*. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Instituto de Ciências Sociais – Universidade de Brasília.

Araújo, U. F. (2007). A construção social e psicológica dos valores. *Revista Humanum*, 2(71), 1-12.

Aronson, E., Wilson, T. D. & Akert, R. M. (2002). Agressão: por que agredimos outra pessoa. In *Psicologia Social*. (3ª ed.), pp 269-290. Editora LTC.

Barbetta, P. A. (1999). *Estatística aplicada as Ciências Sociais*. Florianópolis: Editora da UFSC.

Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Editora 70 Ltda.

Cardia, N. (1999). Os impactos da exposição à violência: aceitação da violência ou horror continuado? O caso de São Paulo. 1-31. Retirado no dia 02 de Junho de 2012, no site: <http://www.nevusp.org/downloads/down195.pdf>.

Castrillón, D. A., Ortiz, P. A. & Vieco, F. (2004). Cualidades paramétricas Del cuestionario de agresión (AQ) de Buss y Perry en Estudiantes universitarios de la ciudad de Medellín (Colombia). *Revista Facultad Nacional de Salud Pública*, 22(2), 49-61.

Cerqueira, D. R. C., Carvalho, A. Y. X., Lobão, W. J. A. & Rodrigues, R. I. (2007). Análise dos custos e consequências da violência no Brasil. *Caderno Saúde Pública*, 21(3), 1-64.

Cerqueira, D. R. C., Carvalho, A. Y. X., Lobão, W. J. A. & Rodrigues, R. I. (2009). Os custos da violência para o sistema público de saúde no Brasil: informações disponíveis e possibilidades de estimação. *Caderno Saúde Pública*, 25(1), 29-36.

Eisenstein, E. & Sousa, R. P. (1993). Situações de Risco à Saúde de Crianças e Adolescentes.

Retirado no dia 30 de Maio de 2012, no site:

<http://bases.bireme.br/cgiin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=310404&indexSearch=ID>

Estman, A. C. (2002). Relatório mundial sobre a violência e a saúde da OMS: Uma resposta ao desafio da violência. *Revista da saúde*, 3(1), 1-12..

Filho, M. L. S., Araújo, A. G. T., Lima, F. L. A. & Sousa, D. M. F. (2005). Crenças normativas sobre a agressão: validação de uma escala e considerações acerca de diferenças de gênero. *Padéia*, 15(31), 1-8.

Gomide, P. I. C. (2000). A influência de filmes violentos em comportamento agressivo de crianças e adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13(2), 1-14.

Gomide, P. I. C. & Sperancetta, A. (2002). O efeito de um filme de abuso sexual no comportamento agressivo dos adolescentes. *Interação em Psicologia*, 6(1), 1-11.

Guimarães, S. P. & Campos, P. H. F. (2007). Norma Social violenta: um estudo da representação social da violência em adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(2), 188-196.

IBGE. (2004). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Estatísticas do Registro Civil. Retirado no dia 13 de Abril de 2012, em: www.ibge.gov.br.

Instituto Antônio Houaiss. (2009). *Dicionário Houaiss*. (1ª ed.). Editora Objetiva.

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, DCA- Departamento da Criança e do Adolescente, Secretaria dos Direitos Humanos e Ministério da Justiça. (2002). Mapeamento da situação das Unidades de Execução de Medida Socioeducativa de Privação de Liberdade ao Adolescente em Conflito com a Lei.

Jozef, F., Silva, J. A. R., Greenhalgh, S., Leite, M. E. D. & Ferreira, V. H. (2000). Comportamento violento e disfunção cerebral: estudos de homicidas no Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 22(3), 124-129.

Kahn, T. (1999). Os custos da violência: quanto se gasta ou deixa de ganhar por causa do crime no Estado de São Paulo. *São Paulo em Perspectiva*, 13(4), 1-9.

Kaplan, H. & Sadock, B. (1993). Condições não atribuíveis a um transtorno mental. *Compêndio de Psiquiatria*, 6(2), 577-588.

Malagris, L. E. N. & Fiorito, A. C. C. (2006). Avaliação do nível de stress de técnicos da área de saúde. *Estudo psicológico*, 23(4), 1-8.

Mendonça, M., Paiva, A., Júnior, C. A., Freitas, R., Cerqueira, P. & Pinsky, L. (2010, 6 de novembro). Insegurança Assustadora. *Revista Época*.

Meneghel, S. N., Giugliani, E. J. & Falceto, O. (1998). Relações entre violência doméstica e agressividade na adolescência. *Caderno Saúde Pública*, 14(2), 327-335.

Ministério da Saúde. (2005). Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise de Situação em Saúde. *Saúde Brasil: uma análise da situação de saúde no Brasil*.

Minayo, M. C. (1990). *Bibliografia Comentada na Produção Científica Brasileira sobre Violência e Saúde*. Escola Nacional de Saúde Pública - Fundação Oswaldo Cruz.

Neto, A. A. L. (2005). Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, 81(5), 164-172.

Paiva, G. J. (2007). Identidade psicossocial e pessoal como questão contemporânea. *Psico*, 38(1), 77-84.

Paiva, G. J. (2004). Identidade e pluralismo: identidade religiosa em adeptos brasileiros de novas religiões japonesas. *Teoria e Pesquisa*, 20(1), 1-10.

Pereira, S. E. F. N. & Sudbrack, M. F. O. (2008). Drogadição e atos infracionais na voz do adolescente em conflito com a lei. *Psicologia: Teorias e Pesquisa*, 24(2), 151-159.

Ristum, M. & Bastos, A. C. S. (2004). Violência urbana: uma análise dos conceitos dos professores do ensino fundamental. *Ciência e Saúde Coletiva*, 9(1), 225-239.

Rodrigues, A. (1998). Agressão, Violência e Altruísmo. In *Psicologia Social*. (17ª ed.), pp 363-391. Editora Vozes.

Rondon, V. V. & Andrade, M. V. (2003). Custos da criminalidade em Belo Horizonte. *Economia*, 4(2), 223-259.

Ruótolo, A. C. (1998). Audiência e Recepção: perspectivas. *Comunicação e Sociedade*, 30(2), 149-162.

Silva, L. A. M. (2004). Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano. *Sociedade e Estado*, 19(1), 1-13.

Sisto, F. F.; Bartholomeu, D.; Santos, A. A. A.; Rueda, F. J. M & Suehiro, A. C. B. (2008). Funcionamento diferencial de itens para avaliar agressividade de universitários. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(3), 474-481.

Santana, E. M. U., Santana, L. A. & Lima, D. A. (2006). Atuação do Policial no combate à violência escolar. UNESCO- UCB.

Souza, D. P. O., Areco, K. N. & Filho, D. X. S. (2005). Álcool e alcoolismo entre adolescentes da rede estadual de ensino de Cuiabá, Mato Grosso. *Revista Saúde Pública*, 39(4), 585-592.

Tabachnick, B., & Fidell, L. (2007). *Using multivariate statistics* (5th ed.). Nova York: HarperCollins.

Tavares, L. H. M. C. (2011). Mulher e violência: o discurso midiático sobre os crimes “por amor”. Congresso Internacional da Abralín, Curitiba.

Vilhena, J. (2000). Quem cala...consente: a cultura da violência e a ética da psicanálise. *Psyche*, 4(5), 157-182.

Vilhena, J. & Maia, M. V. (2002). Agressividade e violência: reflexões acerca do comportamento anti-social e sua inscrição na cultura contemporânea. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 2(2), 1-12.

Waise, J. J. (2005). Mortes matadas por armas de fogo no Brasil – 1979/2003. UNESCO.

Retirado no dia 13 de Abril de 2012, no site:

<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001399/139949por.pdf>

Apêndice A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “Percepção dos adolescentes sobre a manutenção do seu comportamento violento”, e sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento.

Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição UniCEUB, de Brasília – DF.

Os objetivos deste estudo são descrever a percepção que os adolescentes têm sobre a manutenção de comportamentos violentos.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder à pesquisa.

As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação.

Pesquisadora

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Pesquisado

Apêndice B

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Seu (sua) filho (a) está sendo convidado para participar da pesquisa “Percepção dos adolescentes sobre a manutenção do seu comportamento violento”, e sua participação não é obrigatória. A qualquer momento ele (a) pode desistir de participar e retirar seu consentimento.

Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição UniCEUB, de Brasília – DF.

Os objetivos deste estudo são descrever a percepção que os adolescentes têm sobre a manutenção de comportamentos violentos.

A participação nesta pesquisa consistirá em responder à pesquisa.

As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação.

Pesquisadora

Declaro que entendi e concordo com os objetivos, riscos e benefícios da participação do meu (minha) filho (a) na pesquisa.

Pai/ Responsável

Apêndice C

Transcrição das entrevistas do Estudo Piloto

Participante 1

- 1) Violência é qualquer comportamento agressivo. Até xingar é violência.
- 2) Roubando, matando e destruindo.
- 3) Nada. Violência é uma consequência. (Responde indignado com a pergunta, como se fosse óbvia).
- 4) Sim.
- 5) Porque vei... (Silencio). Porque, porque... Porque a vida é assim mesmo. Não sei vei. Porque ninguém é igual, ninguém tem que agradar todo mundo. Se não me agradam eu enfio a porrada.
- 6) Aham
- 7) Porque o povo é folgado. Já falei. 90% é folgado até o primeiro murro. Depois do primeiro murro vira um santo. Se eu apanhar então só piora a situação, viro o satanás.
- 8) Mesma pergunta? Se o cara é folgado, já é uma indignação. Já fico puto logo. Ser folgado não sei explicar o que é. É desaforado. Discussão, dedo na cara. Ixiii... dedo na cara é pau. Ninguém sai procurando briga, mas acontece, né? Os moleques que eu ando são ruim mesmo. Já bateram sem motivo. Gostam de ver o mal. E sem tá bêbado é melhor ainda.
- 9) É não. É da rua. Eles nem sabem.

Participante 2

- 1) Agressão corporal ou verbal.
- 2) Falta de respeito com o próximo.

- 3) Acho bonito porque as mina paga pau. É bom pra desestressar. É como uma guerra, eu protegendo a mim mesmo e meus amigos. Menor de idade era melhor porque sabia que não ia ser punido.
- 4) Sim. Todo mundo.
- 5) Pra me autoafirmar. Mostrar que sou fodao. Pra aparecer.
- 6) Sim.
- 7) To com minha galera, não vou deixar apanhando. Vou entrar sempre que precisar. É bom pra adrenalina também.
- 8) Os cara vem pra cima da gente, os cara era da galera rival e nós da outra, se trombar já era, o pau come.
- 9) Não. Na rua que aprendi. Eu nem gosto muito de briga. Gosto da galera, de ficar enturmado.

Participante 3

- 1) Violência é você brigar com outras pessoas por motivos que atinge sua pessoa ou alguma revolta na vida.
- 2) Sim. Há muitas pessoas violentas e agressivas no Brasil.
- 3) Está errado o jeito que o ser humano está sendo assim violento, em questão de ser violento acho que é mais pelo lado psicológico da pessoa.
- 4) Sim. Algumas vezes.
- 5) Problemas no meu passado ocasionaram revolta.
- 6) Sim. Porque pessoas desacreditaram de mim e do meu potencial.
- 7) Por exemplo: eu pichei um muro, daí chegou um moleque e passou o traço na minha presa. Esse foi um motivo a chegar nessa briga.

8) Pode até ser. Porque meus pais são separados há muito tempo. Mas a revolta mesmo foi porque eu com 10 anos saí da escola particular e fui para a pública e lá todo mundo me tirava para playboy e me batia quase todo dia na saída. Foi ali que me revoltei de vez e comecei a encarar os fatos com violência.

Participante 4

- 1) Agredir alguém verbalmente ou fisicamente.
- 2) Depende. Tem caso que a sociedade nem sabe o que é violência. Há casos que a população lixa e outros casos não. Agridem ladrão. Cada um tem um propósito.
- 3) Nada. O que tem de errado é eu apanhar um dia. Não ligo pra isso não. Cada um tem uma escolha e cada faz sua coisa. Os outros, to nem aí.
- 4) Sim.
- 5) Excesso de raiva. Sou folgado também.
- 6) Sim.
- 7) Porque alguns casos eu escolhi a violência do que o dialogo. E outros porque não tive opção... eu gosto de trocar porrada.
- 8) Mexer comigo ou com alguém próximo a mim... ou se eu mexer com alguém também hahaha.
- 9) Por parte do meu pai verbal. A parte física pela rua, com amigos.

Apêndice D

Questionário de Agressão

Abaixo você vai encontrar uma lista de afirmações que abordam características pessoais. Em relação a cada uma delas, assinale qual a resposta que mais se parece com você. Para responder, utilize a seguinte escala:

1	2	3	4	5
Não se parece comigo				Se parece muito comigo

1- De vez em quando, eu não consigo controlar a vontade de bater em outra pessoa.	1	2	3	4	5
2- Eu digo aos meus amigos quando não estou de acordo de com eles.	1	2	3	4	5
3- Eu me irrito facilmente, mas também esqueço facilmente.	1	2	3	4	5
4- Às vezes eu tenho inveja dos outros.	1	2	3	4	5
5- Sendo bastante provocado, eu posso bater em outra pessoa.	1	2	3	4	5
6- Muitas vezes eu entro em desacordo com as pessoas.	1	2	3	4	5
7- Quando eu fico frustrado, eu mostro minha irritação.	1	2	3	4	5
8- Às vezes eu sinto que a vida não me dá o suficiente.	1	2	3	4	5
9- Se alguém me bate, eu bato de volta.	1	2	3	4	5
10- Quando as pessoas me irritam, eu falo o que penso delas.	1	2	3	4	5
11- Às vezes, eu me sinto uma bomba relógio prestes a explodir.	1	2	3	4	5
12- As outras pessoas parecem sempre ter as melhores oportunidades.	1	2	3	4	5
13- Eu entro em brigas um pouco mais que a maioria das pessoas.	1	2	3	4	5
14- Não consigo deixar de discutir quando as pessoas discordam de mim	1	2	3	4	5
15- Sou uma pessoa muito calma.	1	2	3	4	5
16- Gostaria de saber por que às vezes eu me sinto tão amargo (pessimista) com as coisas.	1	2	3	4	5
17- Se eu tiver que recorrer à violência para proteger os meus direitos, eu farei.	1	2	3	4	5

18- Meus amigos dizem que eu gosto de discutir	1	2	3	4	5
19- Alguns dos meus amigos me acham cabeça quente.	1	2	3	4	5
20- Eu sei que “amigos” falam de mim pelas minhas costas.	1	2	3	4	5
21- Existem pessoas que me pressionaram tanto que chegamos a brigar de verdade.	1	2	3	4	5
22- Às vezes eu perco o controle por nenhuma razão.	1	2	3	4	5
23- Eu desconfio de estranhos que são amáveis demais.	1	2	3	4	5
24- Não consigo encontrar nenhuma boa razão para bater em alguém.	1	2	3	4	5
25- Tenho dificuldade em controlar meu temperamento.	1	2	3	4	5
26- Às vezes eu sinto que as pessoas estão rindo de mim pelas minhas costas.	1	2	3	4	5
27- Eu já ameacei pessoas que conheço.	1	2	3	4	5
28- Quando as pessoas são muito boazinhas, eu me pergunto o que elas querem.	1	2	3	4	5
29- Eu já fiquei tão bravo que quebrei coisas.	1	2	3	4	5
30- Eu já entrei em brigas apenas para proteger meus amigos.	1	2	3	4	5
31- Eu já briguei com outras pessoas porque estava junto dos meus amigos, pois se estivesse sozinho, eu não brigaria.	1	2	3	4	5
32- Se eu não gosto de uma pessoa, já é um bom motivo para eu brigar com ela.	1	2	3	4	5
33- Eu me considero uma pessoa agressiva.	1	2	3	4	5
34- Eu aprendi com outras pessoas a ser agressivo.	1	2	3	4	5
35- Eu acredito que não tem nada de errado na violência.	1	2	3	4	5

Ano/ Turma: _____

Data de nascimento: ____/____/_____

Sexo: Feminino () Masculino ()

Com quem você mora? _____

Coloque um nome para sua “panelinha” na escola (por exemplo: “os CDF”, “os Nerds”, “os Bagunceiros”, os “Moleques Doidos”, etc): _____